

EDITORIAL V. 25, N. 2

DOSSIÊ CARTOGRAFIA: PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA - VOL. II

Após quatro anos da publicação do *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Editora Sulina, 2009, 2011, 2012), este número de *Fractal: Revista de Psicologia* apresenta oito novas pistas que abordam alguns dos problemas já anunciados no volume I e outros que se colocaram após a publicação do livro. No primeiro caso, estão incluídas as pistas sobre a formação do cartógrafo, a entrevista, o comum e a análise de dados. No segundo, destacam-se as pistas sobre a validação da pesquisa cartográfica, a confiança, a atividade e aquela que aborda a questão do qualitativo e do quantitativo na pesquisa cartográfica. A elaboração dos textos, desde a discussão da ideia até a construção do argumento e a escrita do artigo, seguiram, como no *Pistas I*, um processo de criação coletiva. Resultaram de seminários mensais, ao longo de 2010, 2011 e 2012, realizados no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, reunindo professores e estudantes de ambas as instituições, assim como da Universidade Federal do Espírito Santo. Alguns são companheiros do primeiro livro; outros são pesquisadores parceiros. Alguns dos autores são ex-orientandos que hoje já são professores e pesquisadores em diferentes universidades.

Neste volume, contamos com a presença de pesquisadores que foram convidados a pensar conosco o problema metodológico de pesquisar a experiência. Não tendo participado do processo de trabalho que o grupo da cartografia desenvolveu por três anos em encontros presenciais mensais de quatro horas, estes pesquisadores amigos enviaram-nos textos que atestam a capilarização desse modo de fazer pesquisa. Fernanda Eugenio e João Fiadeiro, ambos do AND_Lab | Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica/Portugal, Carmen Opirari da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Sylvie Timbert da revista *Chimère*, Tania Mara Galli Fonseca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Luis Artur Costa da Universidade Federal de Pelotas trazem contribuições valiosas para o debate metodológico que queremos fazer no *Pistas II*.

Dando continuidade às ideias que marcam o método da cartografia, surge aqui como força maior o tema da experiência da pesquisa. A importância da experiência do pesquisar aponta sua inscrição no plano de forças, que constitui o plano de produção tanto do conhecimento quanto da realidade conhecida. Pesquisadores e pesquisados, bem como o problema da pesquisa cartográfica, estão mergulhados na experiência. Isto afasta, muito claramente, a cartografia das metodologias de pesquisa pautadas apenas na informação – aí incluído o procedimento denominado “coleta”, bem como o processamento e a análise das informações. Nesta medida, o método da cartografia se ancora numa compreen-

são da cognição inventiva e numa política cognitiva criadora, reafirmando o seu afastamento da abordagem teórica e da política cognitiva da representação de um mundo supostamente dado.

Nesta direção, o método cartográfico não se define pelos procedimentos que adota, mas é uma prática e uma atividade orientadas por uma diretriz de natureza não propriamente epistemológica, mas ético-estético-política. Diversos procedimentos podem ser adotados no que concerne a técnicas de entrevistas, de análise “de dados”, estratégias qualitativas ou quantitativas – temas que foram desenvolvidos em três pistas importantes deste volume. Com tal proposição fica evidente que o método da cartografia é compatível e compõe com diferentes técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisa existentes. Ao afirmar uma pesquisa que fala da experiência e a partir da experiência, é necessário sublinhar que o ponto incontornável aqui é que a diretriz da investigação é o acesso/produção do plano de forças que responde pela criação/transformação de experiência.

Uma marca da atual coletânea é a presença de exemplos extraídos de pesquisas que têm praticado a cartografia. Com eles, buscou-se dar concretude às ideias desenvolvidas nos textos. Com tal política de narratividade, procuramos mergulhar o leitor nos impasses e nas estratégias inventivas que emergem ao longo da experiência investigativa, que são sempre singulares.

O termo cartografia tem sido, às vezes, empregado para uma investigação preliminar, uma espécie de primeiro olhar de tipo impressionista, que poderia, num segundo momento, ser seguido com outros métodos tradicionais, supostamente mais rigorosos. Foi com o interesse de analisar este problema, bem como o de elaborar ferramentas teórico-metodológicas que possam concorrer para a qualidade da pesquisa, que a pista da validação encontrou lugar. A formação do cartógrafo foi outro problema que nos forçou a pensar. Evitando qualquer ideia de uma formação especializada por meio de cursos ou instituições criadas para este fim, era necessário pensar a produção de um corpo atento e sensível, aberto àquilo que põe problema. O acolhimento da surpresa e do imprevisto é indissociável da criação de uma política cognitiva.

Diferentes pistas tocam os problemas da participação. A pesquisa cartográfica foi, muitas vezes, assimilada ao conjunto das pesquisas participativas, o que é coerente e consistente com suas proposições. No entanto, percebemos o quanto a participação é um tema complexo e delicado, que não se cumpre ao nos propormos a “dar a voz” a subjetividades-coletivas. A produção de um engajamento dos participantes, sua condição de atores e protagonistas de uma pesquisa, requer uma ética do cuidado e atitudes que beiram a clínica. As pistas da confiança e do traçado do plano comum trazem alguns pontos desta discussão. Quanto à última, o tema do plano comum da experiência esteve presente na primeira coletânea, na pista do coletivo de forças. Neste volume, buscamos avançar na discussão, abordando o desdobramento de sua ativação no que tange à produção de um mundo comum e heterogêneo.

Ao final, repetimos a mesma atitude de aposta que nos impulsionava em 2009. Queremos continuar neste debate acerca dos desafios da pesquisa que toma a experiência como objeto de interesse e assume as recalcitrâncias dos diversos pontos de vista que concorrem e disputam sentido em uma pesquisa participativa. Colocar lado a lado pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, sujeito e sujeito, pesquisa e mundo, considerando a força de interpelação e perturbação que esta atitude inclusiva provoca. Fazer de tal lateralidade menos um antagonismo do que a agonística que nos anima e força a pensar.

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco
Editores Associados
(organizadores deste volume)

